

UMA BIOGRAFIA DE RUDOLF STEINER

Carmen L. Nobre

Esta versão: 28/11/25

1. Introdução

Rudolf Steiner trouxe para o mundo a Ciência do Espírito Antroposófica, comumente chamada de “antroposofia”. E tudo o que ele trouxe é profundamente atual. A essência da Antroposofia está vinculada à compreensão do ser humano, sua íntima relação com a Terra e com o cosmo. A antroposofia inclui diversas áreas de atividade com iniciativas voltadas para a vida prática baseadas na ciência antroposófica e que são aplicadas nas diversas regiões do mundo: a pedagogia, a medicina, as terapias, as artes, a agricultura, a organização social e empresarial entre outras. Ao mesmo tempo, Steiner manifesta uma preocupação em promover instrumentos para o desenvolvimento do ser humano, para a evolução da Terra, e a perspectiva de mundos futuros.

Uma biografia humana está vinculada ao local de nascimento e ao contexto histórico no qual ela se desenrola. Tem relação com a época em que o ser humano vive encarnado na Terra, pois, como diria Steiner: *o eu se revela no tempo*. Não só a época de nascimento cria a “atmosfera” para a biografia humana se revelar, como também a família, a cultura e o local do nascimento promovem o cenário. O tempo e o espaço (local) contribuem para a compreensão da vida de Rudolf Steiner. E, com seu próprio desenvolvimento, sua biografia, a própria Antroposofia vai sendo gerada gradativamente.

2. Contextualização geográfica e da época

Rudolf Steiner nasceu em 1861. O final do século XIX é um período marcado por revoluções, inúmeras descobertas científicas, muitas inovações, e um verdadeiro fervilhar de pensadores e críticos. Vigorava o racionalismo germânico, semelhante ao positivismo francês, que trazia como paradigma central a partir da ciência; tudo o que é metafísico, que não é palpável e nem mensurável pela ciência, era uma questão religiosa. A arte em si caminhava separada disso. As questões concretas e científicas eram lidas a partir da percepção sensorial e eram mensurados com as ferramentas disponíveis na época.

3. Nascimento e constituição familiar

Rudolf Lawrence Joseph Steiner, nasceu em 27 de fevereiro de 1861, em Kraljevec, Império Austro-Húngaro, hoje Croácia. Filho de Johann Baptist Steiner e Franziska Steiner-Blie. Teve 2 irmãos: Leopoldine, 2 anos mais nova e o caçula Gustav, um surdo-mudo. Seu pai era agnóstico, não acreditava no mundo suprasensível. Logo depois que Rudolf nasceu, o pai passou a trabalhar na Ferrovia Austríaca do Sul, como telegrafista. O menino nasceu num contexto em que o pai trabalhava na época com o que havia de mais moderno, tanto do ponto de vista do panorama das ferrovias, como também no uso do telégrafo. Isso marca a biografia de Steiner pois ele se torna um homem inserido em sua própria época, interagindo com tudo o que ocorre em seu entorno, querendo aprender a linguagem da época, a decodificar os seus fenômenos. Em polaridade à modernidade tecnológica da época, a região de nascimento desse menino era rodeada por uma natureza montanhosa extremamente exuberante. Sua vida transcorre perto dos elementos da natureza, o que muito o impressionaram. É possível observar essa dualidade entre o mundo da técnica e da tecnologia e o mundo natural rodeando a infância desse menino.

Foi um menino curioso, observador, de espírito investigativo, queria entender como as coisas funcionavam. Nas tardes em que passava com seu pai na estação ferroviária, queria saber como funcionava a locomotiva, como funcionava o telégrafo. Ao mesmo tempo, tinha grande interesse pelo mecanismo da existência, pelo ritmo da natureza, e se encantava com os fenômenos naturais.

4. Primeira etapa – vida do pensar

Foi alfabetizado pelo pai. Steiner tinha facilidade para leitura mas uma certa dificuldade com a escrita, pois ele escrevia de acordo com a sonoridade do dialeto da língua materna. Passava as tardes ajudando o pai em seu trabalho, envolto pela intensa movimentação da estação ferroviária naquela época. Em sua incansável curiosidade, investigava como funcionavam as máquinas, o telégrafo, o moinho de trigo e a fábrica de tecidos. Em suas pesquisas em como o as coisas aconteciam, surgiam grandes incômodos na alma investigativa. Algumas coisas ficavam obscuras, nem tudo podia ser captado pelos sentidos. Pressentia “acontecimentos” que não eram compreensíveis pela observação sensória. Nele surge a pergunta: será que havia um limite para o conhecimento?

Em paralelo ao forte interesse pelo elemento mecânico da existência, tinha grande encantamento com a observação da natureza. O contato com a natureza magnânima, despertou nele a capacidade de observação, permeada com a sensibilidade de apreciação do belo. Atento às nuances das paisagens, sensível e contemplativo, descrevia o contraste entre o cinza das encostas das montanhas, manifesto como “ar de seriedade”, e o verdejar das florestas, iluminado pelo raios de sol, no verão, revelado como “amabilidade”.

Em sua alma infantil tinha certeza absoluta de que existiam “coisas que se enxerga” e “coisas que não se enxerga”. Desde cedo, o jovem via o mundo já de uma maneira um pouco diferente: aquilo que era fisicamente concreto e material, e aquilo que estava por detrás da matéria, aquilo que, em sua essência, era o que “não se enxerga” pelos olhos físicos. Ainda menino, teve vivência do sobrenatural, o que lhe causou forte impressão. Sabia, por experiência própria, que certos assuntos vinculados a essas vivências do que “não se enxerga”, dificilmente podiam ser compartilhados com alguém. Essas percepções mais amplas, não eram ditas pois, por assim dizer, estavam vinculadas às tais questões metafísicas e se ele conversasse com as pessoas sobre esses assuntos, seria mal compreendido. Mas aqui também existia uma pergunta: seria possível falar abertamente sobre o que “não se enxerga”?

4.1 O encantamento com as ciências exatas: a verdade por detrás da geometria

O professor da escola local dava aulas extras com diversos estímulos artísticos: violino, piano, desenhos a lápis e com carvão. Foi nessa mesma época que entrou em contato com a geometria, e, pela primeira vez na vida, não se sente tão sozinho. Na geometria encontra algo muito similar ao que percebe no mundo que “não se enxerga”. Podia contemplar as formas interiores, sem as impressões dos sentidos. A geometria exigia um pensamento não concreto, pois suas formas ideais não existiam fisicamente. Sentia alegria com a vivência da geometria, justamente na fase do rubicão (ao redor dos 9 anos de idade). Paralelamente, por meio do padre da igreja local, entra em contato com o sistema heliocêntrico de Copérnico, ficando bastante admirado com essa visão do cosmo. Em sua autobiografia (*Minha vida*, GA 29, traduzida), Steiner diz que esse padre foi uma figura significativa de sua infância. Aqui não surgem perguntas, mas sim evidências de como observar o mundo que “não se enxerga”.

Por orientação do pai, estudou no Liceu de Wiener-Neustadt, que tinha um caráter técnico-científico, para que ele pudesse seguir para a universidade e se tornar um engenheiro de estradas de ferro. Assim, no Liceu tinha aulas de matemática, física e geometria. A disciplina e a transparência destas matérias permitiam edificar o conhecimento de forma clara, a partir dos elementos. Rudolf Steiner teve a nota mais alta em geometria de todo o Liceu, um “Excelente”; a nota mais elevada até então tinha sido um “Ótimo”. Termina o Liceu, em 1879, sendo diplomado Bacharel com distinção.

4.2 A inclinação pelas ciências humanas: interesse pela maneira de pensar da época

Aos 15 anos, passou a dar aulas particulares para os colegas. Nessa atividade de ensinar aos seus pares, brota o início da compreensão sobre o ser humano – uma espécie de “psicologia prática” –que proporcionou a Steiner o conhecimento das dificuldades da evolução da alma humana. Nessa mesma época, frequentava a casa e a biblioteca do médico local, que se tornou seu professor de literatura poética, entrando em contato com a literatura alemã, nas obras de

Goethe e Schiller. Apreciador das línguas clássicas, comprou por conta própria manuais de língua grega e Latina.

Enveredou-se pela filosofia, e como não gostava das aulas de história, que eram enfadonhas, estudava a obra *A Crítica da Razão Pura* de Kant, grudando folhas dessa obra no livro de história para poder ficar lendo durante a aula. A leitura desta obra de Kant, entre 15 e 17 anos, referendou-lhe a ideia de que o ser humano precisa ser científico naquilo que é possível ser observado e mensurável pelos sentidos ou por aparelhos; e que tudo o que é metafísico, tudo o que exige abstração, um pensamento que se afasta do que é concreto, deve ser tratado como uma questão religiosa. Dentro da sua alma juvenil faz uma separação bem definida entre o mundo religioso e místico e o mundo científico. Denota um respeito profundo por aquilo que vigorava como pensamento humano em sua época.

Sabia por experiência própria que a todo momento estava vivendo entre essas duas realidades, aquilo que “se enxerga” e o que “não se enxerga”, o que é concreto e material por um lado, e, percebendo por outro lado a essência que está por detrás dos objetos, o que é essencial, o que “não é palpável”. A partir disso começa a refinar sua pergunta interior, surgida desde a infância, sobre o mundo que “se enxerga” e o mundo que “não se enxerga”, bem como a questão do limite do conhecimento humano. Aos 17 anos havia absorvido o contexto das obras de Kant. Ao fim deste período, tem outras perguntas, queria encontrar uma “ponte de comunicação” entre aquelas duas realidades, que pudesse atender as características do pensar de seu tempo e, que fosse respeitosa ao fato de que o ser humano, já naquela época, ser capaz de pensar por si mesmo, de ter pensamentos autônomos.

4.3 Um ser social bem conectado com as pessoas da época

A família transferiu-se para Inzersdorf, para que ele pudesse frequentar o Instituto Politécnico de Viena, uma faculdade de Engenharia. Steiner iniciou a vida universitária com uma formação mais inclinada às ciências exatas. Mas ele próprio procurou completar essa formação com assuntos da área de humanas. Tendo ficado muito impressionado com a filosofia, procurou aprofundar-se e conhecer diversas linhas de pensadores da época: Zimmermann, Brentano etc. Considerava importante procurar a verdade através da filosofia. Com a mesma intensidade estudava matemática e ciências naturais. Steiner era um cidadão muito especial: aproveitava todas as oportunidades culturais que Viena lhe oferecia. Circulava por diversos ambientes de Viena, estabelecia conversa em todos os círculos e grupos de pessoas. Era alguém muito sociável.

4.4 Percepção do pensamento alheio

Tinha um verdadeiro interesse pelo ponto de vista do outro. Acolhia todos os diferentes pontos de vista com a mesma amorosidade da alma, sendo capaz de notar as nuances de cada pensador, fazendo contrapontos entre as diversas maneiras de pensar. Com isso construiu uma formação cultural e científica muito ampla durante seu período acadêmico, com uma base extensa de conhecimento, constituindo assim o pano de fundo da sua ciência do espírito. Conhece e se relaciona com muitas pessoas em Viena. O interesse pelo ser humano, pelo pensar e pelo atuar do ser humano, intensificava-se cada vez mais, aprimorando o instrumento para a compreensão da individualidade humana. Essa era parte de sua pesquisa para desvendar o mundo espiritual. A pergunta sobre se o ser humano teria limite para o saber, se existia limite para conhecimento humano pautado nos sentidos básicos primários iria passar por uma metamorfose na fase adulta.

A partir de seu pensar, ouvia atentamente seus mestres, e dialogava com eles a partir de suas próprias ideias. Era perspicaz na compreensão do pensamento de cada um dos autores, tecendo características de suas personalidades, simplesmente a partir da expressão de suas ideias e conceitos.

4.5 Percepção do Eu Alheio

Próximo dos 30 anos aprimora a sua capacidade de desvendar a individualidade das outras pessoas. Vive um dilema nessa época: ele encontra o indivíduo, vê essa pessoa, e enxerga muito além dela. Consegue perceber tudo o que está por detrás, todas suas histórias, toda a essência daquela pessoa. Não era possível, na época, revelar tal conhecimento a respeito dos outros. Era preciso respeitar profundamente a época em que ele estava encarnado, agir de acordo com a racionalidade da época, e não se transformar num grande místico adivinhador de biografias

passadas. Mas o instrumento anímico capaz de investigar a vida pregressa das pessoas já se manifestava. Restava encontrar uma forma de comunicar aquilo que “via” de forma a não interferir na liberdade alheia.

4.6 Impulso pedagógico-curativo: o caso do menino Otto

Por indicação de seu professor de literatura, o senhor Schörrer, aos 23 anos, foi ministrar aulas complementares para três crianças da família Specht. Nessa ocasião, fez questão de assumir a educação do jovem Otto, 10 anos, portador de hidrocefalia, e que não conseguia acompanhar as aulas regulares da escola devido a um considerável atraso em seu desenvolvimento. Durante 4 anos Rudolf Steiner trabalhou com este menino de tal forma que ele pôde ingressar na escola regular, no ano relativo à sua faixa etária, e mais do que isso, na vida adulta formou-se como médico. Otto faleceu cedo com um quadro de meningite, na época da 1ª Guerra Mundial. Desta experiência, surgem posteriormente as bases para a Pedagogia Curativa.

4.7 Nasce um autor

Toda esta trajetória pautada por suas características desde a infância, a curiosidade, capacidade de observação, a sensibilidade aos fenômenos naturais, o espírito investigativo, os constantes questionamentos, a perspicácia na compreensão do pensamento alheio, a capacidade de comparar diferentes linhas de pensamentos, o encantamento com o mundo sensorial, a grande capacidade de ser um livre pensador acaba atingindo seu ápice em duas de suas obras.

A tese de doutorado em filosofia realizada na Universidade de Rostock, teve seu conteúdo publicado no livro *Verdade e Ciência, prelúdio a uma Filosofia da liberdade* (GA 3, traduzido). Serviu como base epistemológica para sua principal obra, *A Filosofia da Liberdade* (GA 4, traduzido) que aborda, com maestria, a questão da natureza única do pensar, por exemplo no “pensar sobre o pensar”, em que uma ação humana coincide com o objeto da ação. Em lugar de apelar para abstrações como a “alma” do dualismo de Descartes, ele emprega algo que todas as pessoas podem vivenciar, o pensamento. Produz, assim, um monismo do pensar. Segundo ele mesmo, essa é a obra não esotérica mais importante, e que, segundo ele, deve se perpetuar no tempo. Steiner teria afirmado que a ciência antropológica do espírito, que iria desenvolver mais tarde, iria deixar de ser uma linguagem adequada para as futuras gerações, mas que *A Filosofia da Liberdade* iria permanecer.

Convidado a editar as obras científicas de Goethe para uma coleção completa desse autor, passa a viver na cidade de Weimar (a cidade de Goethe e Schiller), na Alemanha, trabalhando nos Arquivos de Goethe e Schiller, nos manuscritos das ciências naturais de Goethe, encarregado das obras de morfologia. A dedicação realizada com as obras de Goethe se traduz no seu livro *Teoria do conhecimento baseado na visão de Goethe* (GA 6, traduzido). A dedicação ao catalogar o acervo de Goethe possibilitou as bases filosóficas para reconhecer a manifestação do espírito. A imersão nas obras com deleite não era somente uma necessidade interior, mas também era uma atuação do destino, colocado no caminho de Steiner para que as suas vivências espirituais pudessem então serem compreendidas por submergir no próprio íntimo conhecendo a metodologia de Goethe. Teve grande importância conhecer a obra de Goethe que balizou por assim dizer seu caminho de desenvolvimento espiritual para elaborar as ideias e pensamentos de Goethe, do contrário teria seguido o rumo das próprias vivências de acordo com o surgimento na alma. Agora, as reflexões de Steiner sobre este método de conhecimento seria utilizada em suas pesquisas sobre a ciência natural, o ser humano, e tudo aquilo que “não se enxerga”.

4.8 O papel da teoria de Goethe na Antroposofia

A partir do trabalho com as obras de Goethe, Steiner consegue perceber que existe um caminho de um pensamento objetivo em direção a uma ideia que está por de trás do fenômeno, um método de pesquisa daquilo que “não se enxerga”, saindo do concreto material e pouco a pouco adentrando, cognitivamente, ao que é essencial e espiritual por detrás do que é material. A partir desta compreensão surgia, agora, empregando a metodologia fenomenológica de Goethe, a ponte de conexão entre as duas realidades, entre o que é material e perceptível pelos sentidos e o que “não se enxerga”, que está por detrás da matéria. Rudolf Steiner começa a elaborar as bases para a sua Antroposofia.

4.9 Interesse pelo âmbito religioso

O relacionamento com representantes da vida religiosa – monges, frades, padres – tiveram forte influência em sua vida, desde a infância (foi coroinha na igreja local). Interessava-se por conversas sobre o mundo espiritual que lhes eram ofertadas por esses religiosos. Ficava intrigado com as vivências que tinha durante os cultos. Mas o que lhe causou maior impressão foi uma conversa com o Frade Neumann – da ordem cisterciense Santa Cruz – que apresentou a Steiner a vida de Jesus de Nazaré, aquele que acolheu o Cristo, bem como sobre os feitos de Cristo no Mistério do Gólgota – evento de fundamental importância na história da humanidade e para a evolução da própria Terra. Nessas conversas sentia como se ali estivessem presentes três individualidades: ele, o frade e o dogma católico. As ideias ali elaboradas faziam o contraponto com os dogmas católicos negando a reencarnação. Este encontro influenciou as futuras obras de Steiner tanto no ciclo sobre a cristologia, como nas questões de reencarnação e carma.

5. Segunda Etapa – vida do sentir

5.1 Virada de rumo: o despertar da vida do sentir

Entre 37 e 38 anos Rudolf Steiner vivencia seu nó lunar e tem uma grande virada no rumo da sua biografia. Por um lado, ele já se apropriou da teoria de conhecimento e encontrou uma forma própria para se comunicar, e está cada vez mais envolvido em levar para o mundo suas descobertas através das inúmeras palestras proferidas para trabalhadores e em diversos outros ambientes da sociedade.

5.2 Vivência cognitiva do Mistério do Gólgota

Próximo aos 38 anos, teve uma vivência cognitiva sobre o Mistério do Gólgota: “Eu estava à beira do abismo com a teoria do conhecimento”, ou seja tudo o que ele havia pensado até então, tudo o que tinha escrito, toda a sua sabedoria, estava por desabar. A vivência que teve com o Mistério do Gólgota o fez compreender que de nada adiantava ter adquirido tanta sabedoria e conhecimento, todo seu saber acumulado durante anos não tinha valor algum caso não “entregasse esta sabedoria a serviço do Amor”. Aqui surge o grande impulso de colocar o seu saber a serviço do desenvolvimento do ser humano, da Terra e de toda a humanidade. Por amor à humanidade decidira entregar ao mundo seu legado de sabedoria. Descobre que a essência do ser humano, em verdade, é a união entre a sabedoria e o amor. O Mistério do Gólgota, como entrega amorosa do Cristo em prol da evolução da humanidade, e a própria vivência do Cristo, já havia sido despertada na alma de Steiner, em sua infância, nas conversas com aquele Frade Redentorista. Agora, era uma vivência real. A ação do ser humano precisava ser iluminada pela sabedoria e aquecida pelo amor para se concretizar como sentido no mundo.

5.3 Saída da solidão: o respeitado palestrante

Até então, vivia em completa solidão espiritual. Conseguia colocar-se dentro das cosmovisões de outros pensadores, mas não conseguia encontrar “ouvidos” que se interessassem pelos seus próprios pensamentos. Com o fim do trabalho nos Arquivos de Goethe, mudou-se para Berlim. O avanço anímico ocorreu na medida em que colocou diante de sua alma a evolução da cristologia. Esse fato levou a escrever o livro *O Cristianismo como fato místico* (GA 8, traduzido). Isto ocorre especialmente depois de ter se colocado, espiritualmente, diante do Mistério do Gólgota, uma vivência íntima e séria, uma solenidade de cognição. Tornou-se um exímio palestrante, proferindo palestras em diversos ambientes, desde uma escola dos trabalhadores, em vários círculos e na Biblioteca Teosófica. Foi no ambiente da biblioteca teosófica que falou sobre Nietzsche e depois sobre Goethe. Suas palestras começam a ser bem acolhidas no círculo de membros da Sociedade Teosófica.

5.4 A vivência na sociedade teosófica

Em torno dos 41 anos, entra para a Sociedade Teosófica, único lugar em que ele podia falar abertamente sobre o ponto de vista do que “não se enxerga”. Foi convidado para ser presidente da Sessão Teosófica de Berlim. Passa a ser um membro atuante na sociedade teosófica, proferindo um ciclo de palestras sobre o cristianismo, como principal conferencista. É bem

verdade que teria colocado uma condição: de que ele iria falar a partir das suas próprias pesquisas espirituais, ou seja, começava a falar abertamente se sua antroposofia. Entre 1901 a 1906 esteve muito ativo dentro da teosofia, embora comesse a causar certo incômodo a maneira como ele falava a respeito do mundo espiritual, algo novo para a Sociedade Teosófica, o que causa estranheza entre os teósofos mais radicais.

5.5 Os encontros do destino

Agora, na fase dos 40 anos, passa a encontrar seus companheiros de missão. Foi numa das palestras na Sociedade Teosófica que conheceu Marie von Sivers, membro atuante na Sociedade Teosófica, com quem se casaria em 1914. Juntos desenvolveram diversos movimentos artísticos, já que ela era uma excelente atriz. Dentre eles o trabalho dos Dramas de Mistérios – uma espécie de encenação de conteúdo esotérico criados por Steiner. Encontra também Ita Wegman, na época fisioterapeuta e que, por sugestão de Steiner, foi estudar medicina, e mais tarde seria o grande apoio a Steiner para as artes curativas. E outro encontro de peso é Emil Molt, dono da fábrica de cigarros Waldorf Astoria de Stuttgart, o grande impulsionador da pedagogia Waldorf. Devido ao sucesso de duas de suas palestras, em 1902, foi convidado para ser o dirigente da Seção Alemã da Sociedade Teosófica Geral, em Berlim. Em 1907 Rudolf Steiner ficou encarregado de organizar o Congresso Mundial da Sociedade Teosófica, em Munique. Nesse evento ele e Marie von Sievers introduzem diversas atividades artísticas na programação do congresso. Entre outros eventos, preparam pela primeira vez, o 1º Drama de Mistério: *O portal da iniciação* (GA 14, traduzido), uma encenação de conteúdo esotérico. Além disso, criam trabalhos artísticos – os Selos Planetários – que emolduram a programação do congresso. Nascia aí a parceria artística entre Steiner e Marie von Sivers. Nos anos seguintes apresentam outras duas encenações: o 2º Drama de Mistério: *A Provação da Alma* e o 3º, *O Guardião do Limiar* (com o 4º Drama de Mistérios, formam o volume da GA 14 – apenas o 1º drama está traduzido).

5.6 Um palestrante da Ciência do Espírito

Próximo dos 42 anos de idade, o ser humano está de fato animicamente maduro para trazer o fruto do espírito em sua biografia. Foi na Sociedade Teosófica que passou a expor exclusivamente os resultados da própria pesquisa investigativa sobre o espiritual. Steiner começa a trabalhar com as pessoas trazendo abertamente a antroposofia para o mundo, em especial na edição do periódico *Lúcifer-Gnosis*. Acreditava que era possível observar o mundo espiritual com a mesma clareza com que se observa o mundo físico e, principalmente, transmitir essas observações conceitualmente, dirigidas para a compreensão e não para os sentimentos, como faziam as religiões. Utilizou o método de desenvolvimento interior, com contemplação e investigação, chegando a novos tipos de percepção espiritual, que ele denominou de “consciências imaginativa”, “inspirativa” e “intuitiva” não confundir com o uso comum das palavras imaginação, inspiração e intuição, se bem que as duas últimas já mostram uma percepção inconsciente do mundo espiritual. Ele denominou essa metodologia de Ciência do Espírito, também traduzida por Ciência Espiritual, mas a primeira forma é mais sugestiva e fiel ao original alemão. Essa etapa distingue-se por afastar-se do foco das impressões sensórias e do pensar corriqueiro, e se desenvolve no âmbito da vida interior, mergulhando nos próprios sentimentos e vivências.

Nesta etapa da vida, dedicou-se, entre outros fatos, à ideia de Cristo como um Ser Cósmico, uma entidade divina que se uniu de maneira ativa à evolução da Terra e da humanidade no batismo no Jordão. Elaborou suas pesquisas sobre a essência do cristianismo com grande rigor conceitual. Publicou diversas obras sobre a cristologia, contribuindo com observações esotéricas absolutamente originais sobre os diversos evangelhos e outras correntes espirituais da humanidade.

Também dedicou-se profundamente à compreensão do universo em todas as suas dimensões material e espiritual. Em seu trabalho Steiner transcende a abordagem puramente científica-materialista. Aplicou a metodologia investigativa de Goethe para pesquisar a memória cósmica. A partir da sua pesquisa científica espiritual criou a visão cosmológica do mundo através das suas obras que abordam a origem, a evolução, a estrutura e o destino interligado das hierarquias espirituais, da Terra e da humanidade.

5.7 O rompimento com a Sociedade Teosófica

Toda essa inovação na linguagem antroposófica, o impulso da Cristologia e a transformação ampliada da cosmogonia causavam muito desconforto dentro de parte da comunidade de teósofos. Começa a haver uma certa tensão dentro da sociedade teosófica, que culmina quando um certo acontecimento místico importante eclode nessa época. Nesse período, encarnou uma individualidade muito importante e maravilhosa no Oriente – Krishnamurti. Os teósofos mais tradicionais acreditavam que Krishnamurti seria uma reencarnação de Cristo. Este foi o grande “pomo da discórdia” entre Rudolf Steiner e a Teosofia. Steiner tinha plena convicção de que o evento do Cristo era um evento único na história da humanidade e que ele não voltaria a reencarnar em um corpo físico, na Terra, pois sua missão tinha se realizado a partir do Mistério do Gólgota. Em 1912, Rudolf Steiner rompeu definitivamente com a Sociedade Teosófica levando consigo muitas pessoas que confiavam em suas comunicações, e juntos fundaram, em 1913, a primeira Sociedade Antroposófica. No entanto, deve-se considerar todas as suas revelações anteriores, tanto filosóficas como esotéricas, fazendo parte do que iria se chamar de “antroposofia”.

6. Terceira Etapa – a vida do fazer

6.1 Nasce a Antroposofia

Com a expulsão da Sociedade Teosófica, Steiner juntamente com muitos dos teósofos de sua Seção fundam a Sociedade Antroposófica, uma sociedade de cunho administrativo. Com o nascimento da antroposofia surgiu o aprofundamento da questão artística, não só com os Dramas de Mistérios mas agora com a semente da Eurytmia brotando como arte em movimento no palco. Por conta dessa vertente artística, havia a necessidade de terem um espaço próprio para as encenações dos dramas de mistérios e também da eurytmia, um espaço que pertencesse ao próprio movimento antroposófico recém-criado. Inicialmente Steiner queria construir um edifício que se chamaria “Casa de João” ou “Casa da Palavra”. A Europa fervilhava em conflitos que prenunciavam a Primeira Guerra Mundial. Assim, era necessário encontrar um lugar em um país neutro. Com a doação de um grande terreno na cidade de Dornach, na Suíça, perto da Basileia, em 1913, inicia-se a construção de um edifício em madeira projetado por Rudolf Steiner – o Goetheanum. Na sua construção, toda em madeira esculpida em todos os cantos, participaram inúmeros artistas, pintores, escultores, arquitetos... Pessoas de cerca de 17 nacionalidades criaram uma obra de arte única e abrangente, durante a vigência da Primeira Guerra Mundial. O Goetheanum tornava a antroposofia visível internacionalmente. Ele foi construído para sediar os eventos anuais da Sociedade Antroposófica, incluindo eventos de teatro, música e eurytmia, e era um centro de encontro para artistas e buscadores espirituais. Seu impulso criativo era espetacular e, ao mesmo tempo, oferecia um espelho para a percepção do próprio destino. Ele foi concluído em 1919, tendo sido destruído por um incêndio criminoso, na noite da São Silvestre, em 31/12/1922.

6.2 Ponto de virada – a antroposofia na vida prática

Nos anos anteriores surgiram as primeiras sementes na área artística: dramas de mistérios, eurytmia, arte da fala. Com a construção do Goetheanum desenvolve-se não só a arquitetura antroposófica como também a arte em vitrais, desenhos, pinturas, esculturas, todas as obras de arte que compuseram o interior do Goetheanum inspiradas pela Ciência do Espírito. É interessante notar que no 1º Goetheanum as janelas coloridas usaram uma técnica introduzida por Steiner, de se escavar o vidro com broca de dentista, produzindo contrastes de luminosidade.

Em 1918 Emil Molt faz uma pergunta: seria possível levar a ciência antroposófica do espírito para o âmbito da educação de adultos? Ele queria melhorar as condições dos trabalhadores de sua fábrica no pós-guerra. Steiner deu diversas palestras aos trabalhadores e percebeu que eles expressaram dificuldade em compreender suas palavras. Em 1919, vem o pedido de Molt a Steiner, de se realizar uma pedagogia antroposófica voltada para a infância e a juventude, e é fundada a primeira escola Waldorf.

Na sequência, vem a pergunta de Ita Wegman se era possível que essa ciência antroposófica se voltasse para arte de curar. Em 1920, Rudolf Steiner dá o seu primeiro curso para médicos,

Ciência Espiritual e Medicina (GA 312, traduzido), iniciando-se o que seria a medicina antroposófica, com a importante participação de Ita Wegman. A própria doutora Wegmann funda a primeira clínica antroposófica em Arlesheim, Suíça, em 1921. Com ela, Steiner escreve seu único livro em coautoria, *Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar, segundo os conhecimentos da ciência do espírito* (GA 27, traduzido).

6.3 O ano da grande crise

Os ânimos estavam exaltados tanto no exterior como entre os antropósofos. Em 1922, Rudolf Steiner sofreu um atentado em Munique. Havia um forte movimento de diversas áreas sociais, em especial da Alemanha, que queriam aniquilar o movimento espiritualista antroposófico por acreditarem ser perigoso, por advogar a liberdade humana e a espiritualidade. Inúmeras pessoas das hostes contrárias à antroposofia, desde os pangermânicos, os católicos, os pastores protestantes, os comunistas, representantes da ciência materialista e da área econômica uniram-se com a mesma intenção de aniquilar e atentar contra a antroposofia.

6.4 Os bastidores do atentado e incêndio

O próprio movimento antroposófico estava com uma crise. Havia uma ala de antropósofos que guardava o cerne esotérico da ciência do espírito, que estava em conflito com aqueles que estavam levando a antroposofia para a vida prática, sem vínculo com a ciência espiritual. As disputas eram grandes. Havia uma grande cisão entre os antropósofos. E na noite da São Silvestre, na virada do ano de 1922 para 1923, o edifício do primeiro Goetheanum foi incendiado, de forma criminosa. Tudo foi consumido pelas labaredas de fogo, o trabalho verdadeiramente artístico de 10 anos, tudo virou cinzas.

6.5 A dúvida da continuidade

O ano de 1923 foi de dor, sofrimento e muita dúvida se o movimento antroposófico deveria ser encerrado após a queima do Goetheanum ou se era necessário fazer um esforço para a sua sobrevivência. A pergunta que surge na alma de Steiner é crucial: era momento de fechar todas as iniciativas, encerrar a sociedade antroposófica, restringir as atividades para um pequeno grupo, ou seria necessário um esforço sobrehumano para continuidade de tudo aquilo que mobilizou a encarnação de Rudolf Steiner. Apesar de toda essa vivência interior em nenhum momento ele deixou de dar suas palestras e de atender as demandas que iam surgindo para novas iniciativas, tendo, por exemplo, continuado, no dia seguinte, o ciclo de palestras que estava ministrando, na marcenaria, onde a estátua do Representante da Humanidade, inacabada, tinha sido salva. Desta forma, sem saber se a iniciativa iria ser aceita pelo mundo espiritual, o que mais tarde se confirmou, pois Steiner continuou a poder pesquisar, até com mais profundidade, o mundo espiritual, ele tomou a decisão de refundar a Sociedade Antroposófica, sobre outro modelo, e isso acabou por culminar com um grande evento no final de 1923, com o chamado Congresso de Natal de 1923-1924. Nessa ocasião a nova Sociedade Antroposófica passa a ser uma com a antroposofia. Anteriormente, ele era apenas um palestrante, não se imiscuindo na administração da Sociedade.

6.6 O Congresso de Natal

Durante o Congresso de Natal, Rudolf Steiner refundou a sociedade antroposófica e ele próprio assumiu a presidência dessa nova sociedade. É impressionante o que um grande conflito faz na alma das pessoas. As tensões e distensões que aconteciam anteriormente ao ano de 1922 agora estavam arrefecidas e todos se uniram. Steiner, numa grande celebração, com mais de 800 antroposós colocou a Pedra Fundamental da nova sociedade antroposófica – um verso mântico – no coração dos antropósofos, através de um culto sagrado.

Durante o ano de 1924 nasce, também a partir de perguntas, a Agricultura Biodinâmica, a Medicina Pastoral, a Pedagogia Curativa, a Escola de Ciência do Espírito, também conhecida por “Aulas da Classe”, as diversas Seções, principalmente agregando profissionais de várias áreas dessa escola (Seção Pedagógica, Seção de Ciências Naturais etc.), mais 5 cursos para médicos, e as Palestras Cárnicas (GAs 235 a 240, traduzidas).

Em 30 de março de 1925, Rudolf Steiner faleceu em Dornach, deixando um enorme legado para a humanidade e o mote para seu trabalho:

Ação do ser humano iluminada por sabedoria, aquecida por amor, concretiza o sentido do mundo!